

CHINA OUT OF THE BOX III

Sílvia Helena de Arruda Campos*

* Bacharelado pelo Instituto de Biociências da USP, licenciaturas curta e plena através da Faculdade de Educação da USP. Professora de ciências e biologia. E-mail: shmac59@yahoo.com

Morei 6 anos na China, em Shanghai¹, e influenciada por esse país onde tudo assume proporções gigantes, minha experiência como residente também reflete essa imensidão, inclusive nos contrastes que possui.

Por um lado, houve o desgaste e estresse envolvidos no desenvolvimento de uma rotina, no entendimento e assimilação dos códigos e costumes próprios da cultura, na criação de vínculos.

Lembro muito bem que, quando fui pela primeira vez ao supermercado, quis sair correndo, pois era praticamente impossível, por exemplo, saber qual leite era integral ou semi-desnatado, se as caixas continham leite ou suco de soja, qual marca era boa e de confiança etc. O mesmo em relação a todos os produtos de uma compra básica para uma família de 5 pessoas: açúcar, sal, óleo, molho de tomate, café, creme dental, shampoo, detergente, sabão em pó e por aí vai.

Aos poucos descobrimos como comprar jornal em inglês ou como pagar as contas de água e luz, já que isso não pode ser feito diretamente no caixa do banco e sim numa máquina automática, onde todos os comandos e alternativas estão escritos em chinês. Deve-se ir ao correio. Como explicar para o motorista de taxi um endereço, como encontrar a estação certa do metrô? Em que lugar você compra agulhas, linhas e botões? Por que você pode ir a qualquer agência de telefonia para resolver algumas coisas, mas apenas naquela onde você registrou seu celular para outras? Elas não são todas interligadas?

¹ A grafia dos nomes próprios e outros termos será mantida em pinyin (em chinês simplificado 拼音), que significa fonética ou literalmente “som letrado”. É o método de romanização mais utilizado para o mandarim padrão. O sistema é utilizado para ensinar mandarim como segundo idioma, para grafar os nomes chineses em publicações estrangeiras e para a inserção de caracteres chineses em computadores e telefones celulares. Ele foi desenvolvido por um comitê governamental e aprovado em 11 de fevereiro de 1958. A Organização Internacional de Padronização (ISO) adotou o pinyin em 1982 e desde então ele é utilizado internacionalmente.

O início é muito difícil, perde-se um tempo imenso, chegamos ao final do dia exaustos.

Conviver com o chinês é, a princípio, complicado. Ele sabe e conhece qualquer coisa, seu referencial é sempre o certo, nunca erra e decide por você, de acordo com regras estabelecidas. E há regras para tudo. Algumas extremamente curiosas. Por exemplo, quando vai ser feito um pagamento, o dinheiro ou cartão deve ser estendido à pessoa que vai recebê-lo com as duas mãos, em sinal de respeito. Mas a xícara de chá deve ser oferecida com a mão direita, sendo que a esquerda apóia e conduz o antebraço oposto.

De modo geral as regras visam à manutenção da ordem, felicidade e harmonia, segundo os preceitos do confucionismo, que regem a sociedade e cultura chinesas.

E é exatamente isso o que fascina na China: sua cultura, tradições, costumes e história milenares. Eles orientam desde os menores detalhes do cotidiano. Rendi-me completamente a eles, e os admiro.

Só é possível percebê-los e conhecê-los se você mora um tempo lá, e se for curioso e estiver disposto e aberto à convivência. Persistência é essencial, caso contrário, como muitos outros estrangeiros residentes que conheci e com os quais convivi nesse período, você será sempre um turista.

A base da cultura chinesa está num esquema conceitual quádruplo, conhecido como Cinco Elementos, ou Cinco Fases, Cinco Agentes, Cinco Movimentos e Cinco Processos, que compõem o universo e é usado tradicionalmente para explicar uma vasta gama de fenômenos, desde os ciclos cósmicos à interação entre os órgãos internos, da sucessão dos regimes políticos às propriedades medicinais das plantas e alimentos. Os Cinco Elementos ou Wu Xing (em chinês simplificado 五行, onde Wu significa 5 e Xing elementos) são: madeira, fogo, terra, metal e água (ver quadro 1). Eles devem estar todos presentes, sempre, para que o equilíbrio prevaleça e ocorra a harmonia, pois estão envolvidos com os processos de mudança².

² De acordo com a teoria Wu Xing, a estrutura do cosmo espelha a combinação de suas cinco fases. Cada uma delas apresenta uma complexa rede de associações com diferentes aspectos e elementos da natureza, que interagem e interferem uns nos outros. Baseado em um fluxo de energia direcional de uma fase para a seguinte, a interação pode ser expansiva, destrutiva ou exaustiva. Um bom conhecimento de cada aspecto do fluxo de energia vai permitir certas curas ou rearranjo da mesma, de modo a restabelecer o equilíbrio e harmonia nos indivíduos, ambientes e eventos.

Quadro 1 – Cinco elementos.

| Elemento | Madeira | Fogo | Terra | Metal | Água |
|--------------------------------------|--|--|---|--|--|
| Material (alguns exemplos) | vento, som, umidade, ar, minerais, tinta, mente, borracha, plantas | calor, sangue, sabão, sol, estrelas, óleo, vidro, luz, explosões, espírito | argila, pedra, areia, cinza, espaço, pó, açúcar, escuridão, músculo | nuvens, magnetismo, ferrugem, leite, metais e água puros, geada, cristal | mar, limo, osso, nevoa, cascalho, chuva, vapor, diamante, sal, lua, sombra |
| cor | verde | vermelho | amarelo | branco | preto |
| direção | leste | sul | centro | oeste | norte |
| planeta | Júpiter | Marte | Saturno | Vênus | Mercúrio |
| fase | novo Yang | Yang completo | balanço entre Yin/Yang | novo Yin | Yin completo |
| fenômeno natural | expansivo e exterior (em todas as direções) | ascendente | estabilização (representando a harmonia) | contração e interior | descendente |
| estação | primavera | verão | mudança de estação | outono | inverno |
| clima | ventoso | quente | úmido | seco | frio |
| qualidade mental | idealismo, curiosidade, espontaneidade | paixão, intensidade | socialização, honestidade | intuição, racionalidade (a mente) | erudição, desenvoltura, sagacidade |
| emoção | raiva | felicidade | amor | pesar, tristeza | medo, temor |
| órgão Yin | fígado | coração, pericárdio | baço, pâncreas | pulmão | rim |
| órgão Yang | vesícula | intestino delgado | estômago | intestino grosso | bexiga urinária |
| órgão sensorial | olhos (visão) | língua (fala) | boca (paladar) | nariz (olfato) | ouvidos (audição) |
| sabor | azedo | amargo | doce | picante | salgado |
| estágio de vida | nascimento | juventude | idade adulta | velhice | morte |

Fonte: Elaboração própria.

O contato com a vegetação (um dos materiais associados à madeira) é essencial, seja em vasos dentro de casa, numa varanda ou quintal, nos canteiros centrais e laterais de avenidas, nas inúmeras praças, parques e jardins públicos. As plantas estão por toda parte.

O fogo geralmente aparece no uso do vermelho, cor do elemento. Pode ser numa lanterna, em cordões amarrados formando nós, na preferência por flores desse tom, na tinta usada para carimbar o nome do autor de uma pintura ou poema.

Já o elemento terra é muito simbolizado pelo uso de pedras. O chinês tem fascínio por elas e é comum ter uma pedra no bolso, a qual é tocada e alisada com frequência. A preferida é o jade, em diversas tonalidades. Quanto mais polidos e transparentes melhor. Eles apreciam pedras com formas naturais que se pareçam com uma cabeça de pássaro ou leão, por exemplo. Mas também podem ser entalhadas e esculpidas, sendo exibidas como esculturas dentro de casa, sobre pedestais. Nas áreas residenciais de alto poder aquisitivo, onde há condomínios de casas, é possível observar a presença de caminhões vendendo pedras imensas, que são colocadas nos jardins.

Harmonizando-se com elas está a água. Uma pequena fonte elétrica dentro de casa, um lago, córrego ou rio, mesmo que artificial, esse elemento é obrigatoriamente introduzido num ambiente, se está ausente. Os chineses tomam água o tempo todo, quente ou morna de preferência, ou chá. É o equilíbrio do corpo.

Foto 1 - O jardim público Yu ou Yu Yuan (em chinês simplificado 豫园, ou Jardim da Paz).



Fonte: Arquivo pessoal.

O jardim acima é extenso e encontra-se no centro histórico de Shanghai, ou Cidade Velha³. Foi concebido e construído na segunda metade do século XVI, durante a Dinastia Ming, por Pan Yunduan, para o conforto de seu pai, em idade muito avançada.

Nele, encontram-se todos os elementos. Há diversos lagos espalhados pela área e em alguns locais, como na ponte da foto, é possível sentar-se rodeado por ela. A madeira está presente também nas construções, além das plantas. O fogo aparece na cor vermelha usada para pintar as colunas, portas, janelas e detalhes entalhados nessas construções típicas das dinastias

³ Sobre o jardim público Yu (ou Jardim da Paz) e a Cidade Velha (centro histórico de Shanghai) ver ensaio “China Out of The Box II” (CAMPOS, 2013).

Ming e Qin. E também no tipo de peixe que foi escolhido para povoar os lagos, a espécie Koi (observar no canto inferior esquerdo dois exemplares mais nítidos).

Embora normalmente desconhecidos por nós, há inúmeros materiais que simbolizam o metal como nuvens, magnetismo, ferrugem e cristais. Eles estão presentes por todo o complexo, além das infalíveis moedinhas no fundo dos lagos.

As pedras estão dispostas por toda parte e também sustentam as várias pontes. No centro desse lago há uma maior. A terra também está representada nas telhas tradicionais de barro acinzentado.

Foto 2 - Sr. Wang QingFeng⁴, artesão especializado na gravação de carimbos, com reconhecimento e autorização oficial para trabalhar, em sua pequena loja na Cidade Velha.



Fonte: Arquivo pessoal.

⁴ Os nomes chineses começam sempre pelo da família, sobrenome, e normalmente é o do pai. Mas há exceções. Depois vem o nome próprio, que pode ser simples, duplo e até mesmo triplo. No caso do Sr. Wang QingFeng, Wang é o sobrenome da família de seu pai. Ele tinha dois nomes próprios, Qing e Feng, sendo o último apenas utilizado pelos membros mais próximos de sua família.

Diretamente ligado às pedras, estão os carimbos, indissociados da pintura e caligrafia, feitas a partir de nanquim aguado, técnica tradicional. Qualquer pintura ou trabalho de caligrafia tem carimbado o nome do autor e, muitas vezes, os carimbos dos diferentes donos aos quais pertenceu um determinado trabalho. A tinta usada é sempre vermelha.

Em geral, estão gravados somente nomes, em alto ou baixo relevo. São considerados melhores aqueles gravados em alto relevo. Pode ser gravado também um atributo ligado à pessoa, como mestre, poeta ou inspetor de tal distrito ou repartição.

As pedras utilizadas são as mais variadas, bem como o tamanho e forma das mesmas. Mas, em geral, são retangulares, com cerca de 10 cm de altura, com lados de 2 cm. Alguns carimbos são esculpidos no topo, apresentando um leão, uma fênix, um velho pescador, uma criança, uma árvore. Podem ter uma frase ou pensamento do confucionismo gravada lateralmente. Enfim, a variedade é infinita.

Os carimbos são bastante cultuados pelos chineses, havendo, em todos os lugares, lojas e artesões especializados. Eles chegam a custar fortunas, dependendo do tipo de pedra utilizada, tamanho, pureza e transparência, presença de veios etc, e os com veios avermelhados, uma pedra chamada de sangue de galinha (ji xueshi, onde shi significa pedra) são muito apreciados já que a cor é considerada auspiciosa, ligada à boa sorte e fortuna.

Os carimbos mais caros que encontrei à venda custavam 240 mil yuans, cerca de 80 mil reais⁵, mas há alguns comercializados por um valor ainda superior. O museu de Shanghai, localizado na Praça do Povo, tem uma ala inteira dedicada somente a eles, que por si só são obras de arte.

⁵ O Renminbi ou RMB (em chinês simplificado 人民币, que significa moeda do povo) é a moeda do país. Seu símbolo monetário é ¥. A moeda em si é muitas vezes chamada coloquialmente de yuan (em chinês simplificado 元). Atualmente, com o crescimento e fortalecimento da economia chinesa, um real vale cerca de RMB 2,70 – dados do Banco Central do Brasil em 14 de setembro de 2013.

Foto 3 - Jade verde com veios amarelados. As flores foram esculpidas sobre os veios, aproveitando-os.



Fonte: arquivo pessoal.

O comprometimento com o equilíbrio e harmonia, com garantir o fluxo e movimento constante da energia Qi⁶ entende-se por todas as áreas.

Para o balanço do corpo, há as inúmeras possibilidades de arranjos nas diferentes cores, sabores, cheiros, origens e formas presentes nos alimentos⁷. E para que esses elementos possam se combinar de forma a atuar no máximo de suas potencialidades, a comida é fresca.

⁶ Qi (em chinês simplificado 气, que possui diversos significados, entre eles ar, sopro, essência, espírito, coração) é um conceito fundamental da cultura tradicional chinesa e pode ser associado, de forma bem ampla, ao conceito ocidental de energia vital, bioenergia ou energia espiritual. O Qi é um tipo de energia metafísica que circunda, permeia e existe na natureza e em todos os seres vivos. Sintomas de diversas doenças são atribuídos a bloqueios, desequilíbrios e rupturas no movimento de Qi através dos meridianos do corpo, assim como deficiências nos vários órgãos.

⁷ Sobre uma descrição mais detalhada da harmonização entre os diversos alimentos presentes numa refeição e sua utilização para restabelecer o equilíbrio do organismo, ver ensaio “China Out of The Box I” (CAMPOS, 2012).

Os chineses fazem compras todos os dias, às vezes chegam a ir a uma loja de frutas ou mercados pertinho de suas casas pela manhã e à tarde. Eles preferem os pequenos distribuidores, espalhados por toda a cidade, que repõem seus estoques quase diariamente.

Foto 4 - Pequena loja de frutas na área de Tai Kan Lu, no bairro da antiga Concessão Francesa em Puxi. Há pelo menos uma dessas bem próximo de onde se mora⁸



Fonte: Arquivo pessoal.

Os carrinhos de supermercado são quase sempre empurrados com cinco ou seis produtos dentro, apenas o que se está precisando para aquela refeição ou momento: noodle, óleo de cozinha, pés de galinha, um maço de espinafre, detergente e lâmpada.

Da mesma maneira que olhamos curiosos para o conteúdo de uma cesta ou sacola de compras (sempre reutilizáveis, por sinal), os chineses olham para as nossas perplexos: “como

⁸ Sobre a divisão da cidade em duas partes, Puxi e Pudong, a partir do rio Huangpu, ver ensaio “China Out of The Box I” (CAMPOS, 2012).

você pode comprar essa quantidade de vegetais e os deixar estragando na geladeira; quantas pessoas há na sua família; por que tanto leite, alguém está doente”?

Impensável para eles congelar e estocar alimentos, guardar frutas e verduras na geladeira por mais de dois dias ou preparar comida e esquentar a mesma depois. Tudo deve ser feito na hora, com ingredientes frescos recém obtidos, mesmo que industrializados.

Há pequenas lojas que vendem diversos tipos de dumplings⁹, preparados na hora e que são comidos pela rua. Os restaurantes de comida chinesa podem ser gigantescos, bem como suas cozinhas. Há um exército de cozinheiros e a comida é preparada para o almoço e depois para o jantar. Eles fecham entre as duas refeições.

Nos supermercados, na área onde são vendidas as carnes, há sempre peixes, frutos do mar e outros, como tartarugas e sapos, vivos. Você pode escolher o animal que quer e o mesmo será morto na hora. As algas expostas foram trazidas de manhã cedo.

Pela cidade funcionam vários mercados de aves e outros animais de pequeno porte vivos, onde ocorre exatamente o mesmo.

Mas há feiras livres também, principalmente nas áreas onde se concentram a população de classes mais baixas, normalmente zonas residenciais bem antigas que ainda não foram reurbanizadas. Nelas, em geral, há peixes e frutos do mar dentro de isopores, cuja água é mantida circulando e arejada por meio de canos ligados a motores usados em aquários.

⁹ Dumplings são bolinhos de massa, geralmente cozidos em água fervendo ou no vapor. Podem ser feitos de farinha (trigo, arroz, semolina), batata ou pão. O mais comum é que sejam recheados e esse pode ser preparado com os mais diversos tipos de carne, peixe, vegetais ou uma pasta doce. Podem ser ingeridos por si sós, mas também em sopas ou ensopados, com molhos ou de qualquer outra forma. Há dezenas de tipos, entre eles: jiaozi, wonton, dimsun, bun. São absolutamente deliciosos.

Foto 5 - Peixes e camarões em feira de rua num conjunto habitacional de classe C, em Jin Qiao, Pudong¹⁰



Fonte: Arquivo pessoal.

O mesmo cuidado com a procedência e preparo dos alimentos pode ser observado em relação ao chá.

O chá (cha, em chinês simplificado 茶) é uma infusão preparada a partir das folhas, flores e raízes de *Camelliasinensis*, um arbusto sempre verde. Cada variedade adquire um sabor definido a partir do grau de oxidação das folhas. Há quatro tipos básicos de chá:

- chá branco – as folhas são colhidas muito jovens, geralmente são botões que acabaram de despontar e não sofreram processo de oxidação;
- chá verde – o processo de oxidação é interrompido através da aplicação de calor;
- oolong – a oxidação é interrompida num ponto intermediário entre o verde e o preto;
- chá preto – oxidação substancial.

Além do chá, são preparadas infusões a partir dos mais diversos elementos: ginseng, jasmim, alecrim, gengibre, hortelã, chifre de veado, cavalo marinho, pepino do mar, orelhas de pau, na maioria das vezes com fins medicinais.

O chinês toma chá o dia inteiro, principalmente pela manhã, a fim de aumentar o estado de alerta. Ele coloca as folhas num copo térmico alto e vai acrescentado água quente ao longo do dia. As casas de chá são muito frequentadas e há lojas especializadas, não só para os chás mais populares como também para os medicinais.

¹⁰ Sobre a região de Pudong e Jin Qiao, ver ensaio “China Out of The Box I” (CAMPOS, 2012).

Beber chá é um evento social, desde pelo menos a Dinastia Tang (618 a 907). Já nessa época, o chá era objeto de festas de degustação e de grande estudo, a exemplo do que se faz hoje com o vinho.

Lu Yu (em chinês simplificado 陆羽, onde Lu é o nome de família e Yu o nome próprio, que significa pena) é considerado o pai do chá. Ele é conhecido por seu monumental trabalho, o livro “O Clássico do Chá”, onde definiu como cultivar, preparar e tomar a infusão. A “Arte de Beber Chá”, como é referida na China, segue à risca as orientações descritas em seu livro.

Numa experiência de degustação dos tipos de chá oolong, registrada nas fotos abaixo, pude observar as diferentes etapas do ritual.

Foto 6 – Ritual de degustação de chá.



Fonte: Arquivo pessoal.

O chá é preparado numa xícara de porcelana com tampa ou num bule de barro marron. Eles devem ser primeiro aquecidos, para “acordar” o chá. Há sempre um bule de ferro, próximo ao fogo. Essa água é constantemente levada à ebulição. A água fervente é despejada neles, permanecendo alguns poucos minutos esquentando o recipiente. A água é eliminada e somente então as folhas são colocadas na xícara ou bule. O calor e umidade agem sobre elas, que eliminam seu aroma. Pronto, estão despertas.

A seguir é colocada novamente água quase em ebulição sobre as folhas, que ficam em emersão por 4 ou 5 minutos, no máximo. Essa segunda água também é eliminada, pois ainda não contem o melhor das folhas.

O chá pode, agora, ser preparado e servido aos convidados. A água é novamente colocada sobre as folhas, que ficam emersas por menos tempo. Depois, com cuidado, a infusão é transferida para uma chaleira de vidro, chamada curiosamente de “copo justo”, ou gongdaobei (em chinês simplificado 公道杯, onde gongdao significa justo e bei copo).

Como a quantidade de infusão produzida dessa forma é pequena, para que todos os participantes possam tomar uma xícara, é colocada água várias vezes no recipiente onde estão as folhas. O tempo de emersão é cada vez menor, mas as infusões são diferentes, por isso elas são misturadas no copo justo e todos recebem o mesmo chá.

O calor, no caso da preparação do chá, e o sol, ambos ligados ao elemento fogo, são importantes na manutenção do equilíbrio.

Os chineses acreditam que o sol é capaz de matar os germes. Nenhum povo é tão apegado a essa ideia como eles. As roupas secam necessariamente ao sol, onde quer que seja.

Em geral, as áreas de serviço são pequenas, mesmo nas residências de alto padrão, e não estão voltadas ao sol. As roupas recém lavadas e limpas são penduradas nas varandas, em varais do lado de fora das janelas ou até mesmo na rua, próximo à residência.

Foto 7 - Roupas secando ao sol, em varais na calçada, numa rua de pouco trânsito em Puxi.



Fonte: Arquivo pessoal.

Também é possível observar um varal do tipo “sanfona” abaixo de uma janela e roupas penduradas em cabides num varal de teto na cobertura de outra janela, ambas no fundo da foto, nos pequenos prédios azuis do outro lado da rua.

Não importa se o sol vai desbotar as roupas coloridas, nem que elas fiquem expostas à fumaça dos carros e ônibus. Eles também não se incomodam em absoluto se as peças íntimas estão à vista de todos, o que importa é os germes serem eliminados.

Foto 8 - Conjunto residencial de classe média em Puxi. Presença de varais em quase todas as varandas. A parte térrea é sempre ocupada por pequenas lojas dos mais diversos artigos, que atendem a população local.



Fonte: Arquivo pessoal.

Camisas, calças e camisetas são penduradas em cabides. Chinês passa pouco a roupa e, desta forma, essas peças são fácil e rapidamente alisadas e guardadas.

Em dias de sol, aumenta a quantidade de cobertores, edredons, lençóis e outras peças grandes estendidas. Existe um fato curioso em relação a isso. Antes da chegada do Ano Novo Chinês, as casas passam por um profundo processo de limpeza, preparando-se para o começo de um novo ciclo lunar, renovando as energias. É inverno e chove muito. Ligados como são ao clima e acompanhando diariamente as previsões, assim que vai ocorrer um período de seca, todos os edredons, cobertores e colchas são lavados. Pela cidade inteira é possível ver essas peças. Como há regras e rituais para tudo, costuma-se brincar dizendo que chegou o “dia da lavagem dos edredons”.

Essa é mais uma das inúmeras facetas extraordinárias de uma cultura e sociedade que, acima de tudo, busca diariamente garantir o fluxo da sua energia Qi.

REFERÊNCIAS

- BANCO CENTRAL DO BRASIL. Brasília, DF. Disponível em: <<http://www4.bcb.gov.br/pec/conversao/conversao.asp>>. Acesso em: 14 set. 2013.
- CAMPOS, Sílvia Helena de Arruda. China Out of The Box I. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v. 38, n. 2, jul./dez. 2012.
- CAMPOS, Sílvia Helena de Arruda. China Out of The Box II. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v. 39, n. 1, jan./jun. 2013.
- DE BARY, W.T.; BLOOM, I.; ADLER, J. **Source of chinese tradition**. New York: Columbia University Press, 2000.v. 1
- Yu-Lan Fung. **A history of Chinese philosophy: the period of philosophers** (From the Beginnings to Circa 100 B.C.). D. Bodde (Trad.). New Jersey: Princeton University Press, 1983. v. 1
- Yu-Lan Fung. **A history of chinese philosophy: the period classical learning** (From the Second Century B. C. to the Twentieth Century A. D.). D. Bodde (Trad.). New Jersey: Princeton University Press, 1983. v. 2
- Yu-Lan Fung. **A source book in chinese philosophy**. Wing-Tsit Chan(Trad.). New Jersey: Princeton University Press, 1969.
- WILKINSON, E. **Chinese history: a new manual**. Cambridge: Harvard University Ásia Center, 2013.